

AS TRADIÇÕES NO CONTEXTO DA MODERNIDADE: REFLEXIVIDADE E LUDICIDADE - O CASO DAS TRADIÇÕES GAÚCHAS

Ms. Caroline Kraus Luvizotto¹
Dr. Jose Geraldo Alberto Bertoncini Poker²

RESUMO: Considerando a tradição dinâmica e não estática, uma orientação para o passado e uma maneira de organizar o mundo para o tempo futuro, uma articuladora de atores e grupos sociais, a tradição se baseia em modelos que podem ser histórias fictícias, reais ou reinventadas, dando conta dos inúmeros processos de simbolização no curso da história dos atores sociais. Neste sentido, este trabalho discute as tradições no contexto da modernidade, bem como o caráter de reflexividade e ludicidade das tradições (re)inventadas. O pressuposto metodológico apresenta uma pesquisa exploratória, descritiva, analítica e qualitativa, baseada na revisão da literatura e num estudo de caso focado na tradição gaúcha e suas manifestações, em especial, nos Centros de Tradição Gaúcha – CTG, discutindo e analisando a tradição como um fator de organização de ações e relações sociais duradouras necessárias à constituição de uma coletividade. O modelo que resulta da investigação de um grupo como dos gaúchos tradicionalistas pode funcionar como uma espécie de paradigma empírico. E aplicando-o como modelo a outras configurações tradicionais mais complexas, pode-se compreender melhor as características estruturais que elas têm e os motivos pelos quais que, em condições diferentes, elas funcionam e se desenvolvem.

Palavras-chaves: tradição; modernidade; reflexividade; ludicidade; gaúcho

TRADITIONS IN THE CONTEXT OF MODERNITY: REFLEXIVITY AND PLAYFULNESS - THE CASE OF GAUCHO TRADITIONS

ABSTRACT: When considering dynamic and non-static tradition as an orientation toward past, a manner of organizing the world for the future, and an articulator of actors and social groups, it is noted that tradition is based on models such as fiction, real or reinvented stories, thus integrating the myriad of symbolization processes throughout the social actor's life. In this manner, this work is intended for discussing traditions in the context of today's world, as well as reflexivity and playfulness in (re)invented traditions. The methodological presupposition presents an exploratory, descriptive, analytical and qualitative research based on literature review and case study focused on gaucho tradition and its manifestations, especially the *CTG - Centros de Tradição Gaúcha* (gaucho tradition center), then discussing and analyzing tradition as a factor of the action organization and the long-lasting social relationship necessary to build collectivity. The model resulting from the investigation of a group of traditional gauchos may function as empirical paradigm. Besides, applying it as model to other more complex traditional configurations, it is possible to understand their structural characteristics and the reasons why they function and develop in different conditions.

Keywords: tradition, modernity, reflexivity, playfulness, gaucho

1 INTRODUÇÃO

A grande marca de nosso tempo é a incerteza que direciona os indivíduos de todas as partes do mundo aos riscos da nova ordem internacional, que avassala os valores da democracia e da sustentabilidade, enfrentando as forças dominantes do Estado e do mercado, tudo em nome do interesse público. Neste contexto, emergiram conceitos que se tornaram centrais em qualquer pensamento na atualidade: risco, globalização, tradição, família e

¹ Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais

² Docente do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais

democracia. Frente a isso, surgem com grande força os conceitos modernidade e modernização reflexiva, fundamentais para a discussão sobre tradição presente neste estudo.

Considera-se a tradição como dinâmica e não estática, como uma orientação para o passado e uma maneira de organizar o mundo para o tempo futuro, que age como articuladora de atores e grupos sociais. É baseada em modelos que podem ser histórias fictícias, reais ou reinventadas, dando conta dos inúmeros processos de simbolização no curso da história dos atores sociais. Um processo que está em constante (re)invenção.

Este trabalho discute as tradições no contexto da modernidade, bem como o caráter de reflexividade e ludicidade das tradições (re)inventadas. O pressuposto metodológico apresenta uma pesquisa exploratória, descritiva, analítica e qualitativa, baseada na revisão da literatura e num estudo de caso focado na tradição gaúcha e suas manifestações, em especial, nos Centros de Tradição Gaúcha – CTG, discutindo e analisando a tradição como um fator de organização de ações e relações sociais duradouras necessárias à constituição de uma coletividade.

2 MODERNIDADE E MODERNIZAÇÃO REFLEXIVA

Em “Ciência e política: duas vocações”, Max Weber (1968) definiu o advento da modernidade como um processo crescente de “racionalização intelectualista”, que estava ligado intimamente ao progresso científico. Como consequência dessa ligação, encontrava-se o “desencantamento do mundo”.

De acordo com Habermas (1992), Weber concebe a modernidade como o próprio mundo racionalizado da economia capitalista, das “esferas de valor”, do Estado burocrático moderno, da arte, da moral e da ciência. Além disso, este mundo racionalizado é definido pela formação de uma estrutura baseada na conduta de vida metódico-racional, sendo um fenômeno típico do Ocidente.

Habermas (1987) destaca o que chama de *projeto da modernidade* e que tem sido muito discutido nos dias de hoje. Segundo Harvey, mesmo sendo o termo “moderno” utilizado há tempos, o que Habermas chama de projeto da modernidade começou a vigorar durante o século XVIII. Para Harvey, esse projeto corresponde a um grande esforço intelectual dos pensadores iluministas “para desenvolver a ciência objetiva, a moralidade e a lei universais, a arte autônoma nos termos da própria lógica interna destas”, objetivando a emancipação humana a partir do acúmulo de conhecimento gerado por muitas pessoas trabalhando livre e criativamente (HARVEY, 1992, p. 23).

Conjugando do pensamento de Habermas e, concebendo as sociedades modernas num estado de alta ou radicalizada modernidade, que apresenta como característica dominante um elevado grau de reflexividade, Beck (1997) prefere a expressão *modernidade reflexiva*, pois acredita que esta possibilita o entendimento e a criação de interpretações que possam responder as discontinuidades da modernidade, geradas a partir das mudanças da vida moderna. De acordo o autor, a sociedade passa a ser reflexiva quando “ela se torna um tema e um problema para si própria”. As sociedades reflexivas precisam encontrar soluções por elas mesmas para os problemas criados sistematicamente pela modernização social. As sociedades modernas encontram-se em um momento em que são obrigadas a refletir sobre si mesmas e ao mesmo tempo, desenvolvem a capacidade de refletir retrospectivamente sobre si mesmas, isso caracteriza a chamada modernização reflexiva.

Segundo Giddens, uma sociedade dotada de reflexividade é marcada pela redescoberta e pela dissolução da tradição, bem como pela destruição daquilo que sempre pareceu ser uma tendência estabelecida:

Isto não significa – como dizem alguns seguidores do pós-modernismo – que o mundo se torne inerentemente refratário as tentativas humanas de controle. Essas tentativas de controle, com respeito a, por exemplo, riscos de grandes consequências, permanecem necessárias e factíveis; entretanto, precisamos reconhecer que essas tentativas estarão sujeitas a muitas rupturas, quer para o bem, quer para o mal (GIDDENS, 1997, p. 220).

De acordo com Giddens, o conhecimento científico vem substituindo a tradição, na busca dos indivíduos por fontes de segurança. O mecanismo que enfrenta a insegurança produzida pelas transformações sociais e a ruptura das estruturas tradicionais é a absorção de sistemas abstratos de conhecimentos, que são teorias, conceitos e descobertas e, segundo Giddens, “em todas as sociedades, a manutenção da identidade pessoal, e sua conexão com identidades sociais mais amplas, é um requisito primordial de segurança ontológica”³ (GIDDENS, 1997, p. 100).

A modernidade, para alcançar a segurança ontológica, teve que (re)inventar tradições e se afastar de “tradições genuínas”, isto é, aqueles valores radicalmente vinculados ao passado pré-moderno. Este é um caráter de descontinuidade da modernidade, a separação entre o que se apresenta como o novo e o que persiste como herança do velho.

De acordo com Giddens (1997a), nas sociedades tradicionais é a tradição, o parentesco e a localidade que limitam a identidade social dos indivíduos. Na sociedade moderna, caracterizada como uma ordem pós-tradicional, que rompe com as práticas e

³ Giddens refere-se a segurança ontológica como um sentido de ordem e continuidade a respeito das experiências do indivíduo. Argumenta que isto é dependente da habilidade da pessoa de dar sentido a sua vida. O significado que é achado em experimentar emoções estáveis positivas e por evitar o caos e a ansiedade.

preceitos preestabelecidos, pode-se identificar a ênfase ao cultivo das potencialidades individuais, possibilitando ao indivíduo uma identidade “móvel”, mutável. Nesse sentido, segundo Dias (2005, p. 87):

... na modernidade, o “eu” torna-se, cada vez mais, um projeto reflexivo, pois aonde não existe mais a referência da tradição, descortina-se, para o indivíduo, um mundo de diversidade, de possibilidades abertas, de escolhas. O indivíduo passa a ser responsável por si mesmo e o planejamento estratégico da vida assume especial importância.

Sem dúvida, uma grande característica desse projeto reflexivo é estar relacionado a um mundo cada vez mais constituído de informação e procurar negar modos preestabelecidos de conduta, conduzindo o indivíduo realizar escolhas sucessivas, permitindo que este componha a sua narrativa de identidade, sempre aberta à revisões. Para Giddens (1991, p. 39) “a reflexividade da vida social moderna consiste no fato de que as práticas sociais são constantemente examinadas e reformadas à luz de informação renovada sobre estas próprias práticas, alterando assim constitutivamente seu caráter.”

Nas sociedades modernas a identidade torna-se uma questão substancial. Mesmo aqueles que dizem nunca ter se preocupado ou questionado a própria identidade, têm sido obrigados a fazer escolhas importantes ao longo das suas vidas, a partir de questões sobre o cotidiano, a religião, as crenças, as tradições, a aparência, os relacionamentos e profissões. Embora anteriormente nas sociedades tradicionais possa-se observar que a ordem social baseada firmemente na tradição proporcionava aos indivíduos papéis mais definidos, na sociedade pós-tradicional, os papéis são constantemente trabalhados pelos próprios sujeitos.

3 A (RE)INVENÇÃO DA TRADIÇÃO NO CONTEXTO DA MODERNIDADE

Entende-se a categoria tradição como um conjunto de sistemas simbólicos que são passados de geração a geração e que tem um caráter repetitivo. A tradição deve ser considerada dinâmica e não estática, uma orientação para o passado e uma maneira de organizar o mundo para o tempo futuro. A tradição coordena a ação que organiza temporal e espacialmente as relações dentro da comunidade e é um elemento intrínseco e inseparável da mesma.

Seu caráter repetitivo denota atualização dos esquemas de vida. Isto significa que a tradição é uma orientação para o passado, justamente porque o passado tem força e influência relevantes sobre o curso das ações presentes.

A tradição também se reporta ao futuro, ou melhor, indica como organizar o mundo para o tempo futuro, que não é concebido como algo distante e separado, ele está diretamente

ligado a uma linha contínua que envolve o passado e o presente. Esta linha é a tradição. Ela persiste e é (re)modelada e (re)inventada a cada geração. Neste sentido, pode-se dizer que não há um corte profundo, ruptura ou descontinuidade absoluta entre o passado, o presente e o futuro.

A compreensão do mundo é organizada pela tradição pelo fato dela ser fundamentada na superstição, religião e nos costumes. A ordem social baseada na tradição expressa a valorização da cultura oral, do passado e dos símbolos enquanto fatores que perpetuam a experiência das gerações e neste sentido, conhecer é ter habilidade para produzir algo e está ligado à técnica e à reprodução das condições do viver.

Segundo Weber (1994), uma das formas de dominação em uma sociedade é calcada na tradição, a crença na santidade das ordens e dos poderes existentes desde sempre, cujo conteúdo não se tem à possibilidade de alterar, funcionando como o cimento que une as ordens sociais. Porém, salienta Sahlins (1990), os sistemas simbólicos não devem ser pensados como estáticos, e sim dinâmicos, atendendo ao curso da história para se reproduzirem. Desse modo, “em toda mudança vê-se também a persistência da substância antiga: a desconsideração que se tem pelo passado é apenas relativa” (SAHLINS, 1990, p. 190).

Assim, deve-se entender a categoria tradição como um campo que envolve um ritual e que possui status de integridade, uma forma de garantir a preservação, baseado em modelos que podem ser histórias fictícias, reais ou reinventadas, dando conta dos inúmeros processos de simbolização no curso da história dos atores sociais. Em suma, a tradição passa a ter um caráter normativo, relacionado aos processos interpretativos, por meio do qual o passado e o presente são conectados para ajustar o futuro.

Como observam Hobsbawn e Ranger (1997): “toda tradição é uma invenção”, que surgiu em algum lugar do passado podendo ser alterada em algum lugar do futuro. As tradições estão sempre mudando, mas há algo em relação à noção de tradição que pressupõe persistência: se for tradicional, uma crença ou prática tem uma integridade e continuidade que resistem aos contratempos e as mudanças. A tradição sobrevive de citações que podem ser sônicas e/ou visuais e que consistem em traços de referências de elementos que transportam para o passado. Mas estes traços encontram-se completamente descontextualizados e abertos a qualquer contextualização.

Observa Sahlins que

Para compreendermos os movimentos culturalistas contemporâneos, as lições da sabedoria tradicional poderiam ser tomadas da seguinte forma: a defesa de uma

tradição implica alguma consciência, consciência da tradição implica alguma invenção, a invenção da tradição implica alguma tradição (SAHLINS, 1990, p. 89).

Segundo Hobsbawn e Ranger, a invenção de tradições ocorre

Quando uma transformação rápida da sociedade debilita ou destrói os padrões sociais para os quais as “velhas tradições” foram feitas, produzindo novos padrões com os quais essas tradições são incompatíveis; quando as velhas tradições, juntamente com seus promotores e divulgadores institucionais, dão mostras de haver perdido grande parte da capacidade de adaptação e da flexibilidade; ou quando são eliminadas de outras formas. Em suma, inventam-se tradições quando ocorrem transformações suficientemente amplas e rápidas tanto do lado da demanda quanto do lado da oferta (HOBSBAWN; RANGER, 1997, p. 12).

A sociedade atual fundamenta-se no distanciamento e aproximação entre o local e o global para a maioria dos indivíduos e dos grupos sociais. Nas palavras de Giddens, “quanto mais a tradição perde terreno, e quanto mais reconstitui-se a vida cotidiana em termos da interação dialética entre o local e o global, mais os indivíduos vêm-se forçados a negociar opções por estilos de vida em meio a uma série de possibilidades” (GIDDENS, 1997a, p. 5). A disjunção sistêmica entre o global e o local traz como consequência direta a heterogeneidade sócio-cultural: sociedades partilham bens, serviços, mensagens e imagens, mantêm as identificações como o que é produzido e dividido dentro dos seus limites territoriais e, ao mesmo tempo, criam novas formas de identificação. Para Giddens:

No cenário do que eu chamo a modernidade tardia – o nosso mundo de hoje – o *self*, tal como os contextos institucionais mais vastos nos quais ele existe, tem de ser construído reflexivamente. No entanto, essa tarefa tem de ser cumprida no meio de uma confusa diversidade de opções e possibilidades. (GIDDENS, 1997a, p. 2-3)

De acordo com Giddens (1997), na modernidade, a tradição perde o lugar privilegiado que dispunha nas sociedades pré-modernas, como mecanismo de coordenação das práticas sociais. As ações sociais são permanentemente renovadas e reavaliadas mediante a apropriação dos conhecimentos que vão sendo produzidos sobre as próprias ações e os sistemas sociais nos quais elas têm lugar. Isso não significa que a tradição desapareça. Ela passa, contudo, a subordinar-se ao crivo da avaliação reflexiva. As tradições podem ser articuladas e defendidas discursivamente, justificadas como tendo valor em um universo de valores plurais em competição.

Para o autor a tradição é contextual, gradativa, uma combinação de ritual e verdade formular. É a verdade formular que torna os aspectos centrais da tradição “intocáveis” e confere integridade ao presente em relação ao passado (GIDDENS, 1997, p. 127).

No contexto dos Centros de Tradição Gaúcha – CTG, a tradição pode ser caracterizada como uma invenção, ou ainda uma re-invenção, intencionalmente produzida para servir de liame a relações sociais que se quer manter para constituir um grupo. Por isso, a

tradição pode carregar consigo uma série de referências e concepções; ela tem a sua epistemologia e traz dentro de si um sentido de coletividade.

4 O GAÚCHO E SUAS TRADIÇÕES

A história da ocupação do estado do Rio Grande do Sul começou muito antes da chegada dos portugueses àquele território. Darcy Ribeiro em “O povo brasileiro – a formação e o sentido do Brasil” (1995) traz um capítulo especial sobre a região do sul do Brasil⁴. O autor destaca que esta é uma área cultural complexa e singular e que sua característica básica, em comparação com as outras áreas culturais brasileiras, é sua heterogeneidade cultural, uma vez que a configuração histórico-cultural do estado do Rio Grande do Sul é constituída por três elementos: os lavradores matutos, de origem principalmente açoriana; os representantes atuais dos antigos gaúchos e a formação gringo-brasileira dos descendentes de imigrantes europeus.

A coexistência destes três complexos culturais operou ativamente no sentido de homogeneizá-los, difundindo traços e costumes de um ou outro. Para o autor é esta a singularidade do povo rio-grandense de hoje: “a complexidade de sua origem histórico-cultural torna-o um grupo diferente dos demais brasileiros” (RIBEIRO, 1995, p. 409).

A expressão da cultura gaúcha está alicerçada em tradições, em conhecimentos obtidos pela convivência em grupo, somados a diversos elementos, entre eles, os históricos e os sociológicos. Seus legados e sua tradição são transportados para as gerações seguintes, sujeitos à mudanças próprias de cada época e circunstância.

O séc. XX foi o século das transformações. Novos inventos passaram a integrar a vida das pessoas mudando hábitos e conceitos. Na metade do século, a televisão, presente em praticamente todas as residências, permitiu que informações fossem transmitidas de maneira globalizada. O mundo passou a ser visto com outros olhos e nem mesmo os costumes e tradições ficaram imunes a este fenômeno.

Estas transformações também afetaram a sociedade sul rio-grandense. No entanto, em meados do séc. XX surgiu entre alguns gaúchos um sentimento novo: a sua diferença em relação ao mundo. Vera Stedile Zattera (1995), historiadora, gaúcha de Caxias do Sul, descreve esse sentimento:

É a nossa cidadania, é nossa raça, tão mesclada, mas tão clara. É nossa consciência de sermos elementos batalhadores, especiais, que grita. É hora de mostrarmos ao

⁴ *Brasis Sulinos*: gaúchos, matutos e gringos (Ribeiro, 1995).

mundo do que nós, gaúchos, somos capazes, do que gostamos, quais são nossas músicas, quais são nossos hábitos, quais são nossas habilidades (ZATTERA, 1995, p. 153).

Entretanto, as pessoas que se identificaram com esta pretensão não sabiam como mostrar suas raízes históricas, seus costumes nativos, sua maneira de ser. Foram criados então os Centros de Tradições Gaúchas (CTG's)⁵, com a finalidade de mostrar e perpetuar as manifestações de uma *tradição gaúcha* com a maior precisão possível, através da música, dança, culinária, poesia, indumentária e sociabilidade, quer dizer, uma maneira específica e diferenciada de ordenamento de ações e relações sociais, para compor grupos sociais igualmente específicos e diferenciados de modos de vida em relação a todos os outros.

Nos CTG's estudam-se as danças, as poesias, as falas do *gaúcho de antigamente*, seus hábitos e sua história. Tal evocação tem como objetivo mostrar os aspectos característicos de uma *cultura gaúcha original*, em detalhes, ao público nacional e internacional. Isto tudo é feito cumprindo as disposições da Carta de Princípios do Movimento Tradicionalista Gaúcho - MTG, movimento que tem como elementos norteadores preservar, promover e divulgar o *tradicionalismo gaúcho*, através de atividades esportivas, campeiras, sociais, assistenciais, culturais, artísticas e recreativas. O MTG lidera hoje mais de mil CTG's somente no Rio Grande do Sul, e outras centenas deles espalhados por todo o Brasil e pelo mundo.

5 TRADIÇÃO E LUDICIDADE

Durante todo seu processo evolutivo o homem sempre se utilizou dos gestos, da expressão corporal e do espetáculo como forma de lazer, entretenimento e comunicação. Para manterem suas tradições os povos antigos exploravam a festa, a dança, os cantos e os rituais para transmitir, disseminar e preservar a sua cultura.

Esta maneira milenar de expressar e transmitir conhecimento foi sendo difundida com o passar dos tempos e atualmente é amplamente explorada por povos e culturas de todo o mundo, cada qual com sua particularidade. Isso ocorre porque há muito tempo o homem

⁵ Em meados de 1940, o Rio Grande do Sul era palco do "americanismo". Revoltados com essa situação, em 1947, um grupo de jovens fundou o Departamento de Tradições Gaúchas no Colégio Júlio de Castilhos, em Porto Alegre (Grêmio Estudantil). A este grupo deu-se o nome "Grupo dos Oito", por serem oito componentes. Com o passar do tempo, os jovens, agora já em número maior, viram que o movimento precisava se alastrar. Foi quando em 24 de abril de 1948, foi fundado o "35" CTG, o primeiro CTG fundado no RS. O "35" CTG foi o nome dado em homenagem à Revolução Farroupilha de 1835. Hoje, são milhares de CTG's espalhados pelo Brasil e também em outros países.

identificou nas mensagens de caráter lúdico uma maior abrangência, uma maneira de proporcionar maior impacto em diferentes níveis sócio-culturais.

A ludicidade é um recurso utilizado pelos CTG's como uma alternativa de transmitir as tradições, que também são passadas oralmente de geração a geração, bem como, através dos rituais diários de convivência, num momento histórico e social no qual observa-se uma estrutura cultural, política e econômica que impõe valores, posições e conceitos a maioria da população. É um processo de transmissão centrado na ludicidade, com um universo complexo de significados que abrange o imaginário dos sujeitos envolvidos no processo de aprendizagem da tradição, desenvolvendo o pensamento, a linguagem e o sentido de identidade coletiva desses sujeitos.

No caso específico do CTG o conteúdo tradicional, os elementos da tradição gaúcha e a descontração coexistem no momento da transmissão e o caráter lúdico da informação que se pretende ensinar facilita o processo de aprendizagem do elemento da tradição gaúcha. O lúdico é observado nas atividades sociais e campeiras desenvolvidas por todos os membros do CTG, principalmente os jovens que participam de festivais e rituais onde a demonstração pública dos elementos da cultura gaúcha, como por exemplo, a música, a dança, a poesia, a indumentária, são observados e avaliados em forma de competição.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tradição é essencialmente excludente. Apenas os iniciados, os admitidos, ou seja, aqueles que fazem parte do grupo, o “nós” podem participar e compartilhar da sua verdade, do seu ritual. A marginalização, a discriminação daquele que não é iniciado, portanto, o “outro”, é fundamental para fortalecer o status do guardião, aquele que detém o poder de transmitir a tradição e do ritual em si. O “outro” está fora, a verdade formular lhe é confiscada.

O “eu”, assim como o “nós”, tem sua identidade vinculada ao envolvimento com o ritual, criando uma diferenciação em relação ao “outro”. Pensando no caso eleito como modelo para este estudo, pode-se dizer que a união em torno do CTG permite que os gaúchos se reconheçam enquanto um grupo diante do restante da sociedade, ou seja, aqueles que seriam “os outros”.

No contexto da modernidade a tradição racionalizada é uma maneira de evitar choques entre diferentes valores e modos de vida, uma vez que age como articuladora de atores e grupos sociais, incorporando relações de poder e naturalizando-as, entre as diferentes instâncias do mundo social.

O modelo que resulta da investigação de um grupo como dos gaúchos tradicionalistas pode funcionar como uma espécie de paradigma empírico. E aplicando-o como modelo a outras configurações tradicionais mais complexas, pode-se compreender melhor as características estruturais que elas têm e os motivos pelos quais que, em condições diferentes, elas funcionam e se desenvolvem.

REFERÊNCIAS

BECK, U. A Reinvenção da Política: Rumo a uma Teoria da Modernização Reflexiva. IN: BECK, U.; GIDDENS, A. & LASH, S. **Modernização Reflexiva**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1997.

DIAS, R. C. P. Modernidade e identidade. **Psicologia & Sociedade**. 17 (3), 80-81; set/dez: 2005.

GIDDENS, A. Risco, confiança e reflexividade. IN: BECK, U.; GIDDENS, A. & LASH, S. **Modernização Reflexiva**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1997.

_____. **Modernidade e identidade pessoal**. Oeiras: Celta Editora, 1997a.

_____. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: Unesp, 1991.

HABERMAS, J. **Teoría de la Acción Comunicativa**. Madrid, Espanha, Taurus Ediciones (Tomos I e II), 1987.

_____. Modernidade – um projeto inacabado. In: ARANTES, O. & ARANTES, P. **Um ponto cego no projeto moderno de Jürgen Habermas**. São Paulo. Brasiliense. 1992.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Edições Loyola. 1992

HOBSBAWN, E.; RANGER, T. **A invenção das tradições**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

RIBEIRO, D. **O povo brasileiro: evolução e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das letras, 1995.

SAHLINS, M. **Ilhas de História**. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

WEBER, M. **Ciência e Política**. Duas vocações. São Paulo: Cultrix, 1968.

_____. **Economia e Sociedade**. México: Fondo de Cultura Económica, 1994.

ZATTERA, V. E. **Gaúcho – Vestuário tradicional e costumes**. Porto Alegre: Pallotti, 1995.